

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) JOSÉ LUÍS DE MELO ESPIÚCA

CONJUGADO ANFÍBIO:

capacidades para se contrapor às ameaças híbridas.

Rio de Janeiro

2016

CC (FN) JOSÉ LUÍS DE MELO ESPIÚCA

CONJUGADO ANFÍBIO:

capacidades para se contrapor às ameaças híbridas.

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1-FN) Ricciardi.

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

2016

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, CMG (RM1-FN) RICCIARDI, pela orientação sincera e pela oportunidade de transmitir seus conhecimentos.

Ao Corpo Docente da Escola de Guerra Naval e da COPPEAD-UFRJ que, ao longo de todo o curso, mantiveram o fogo sagrado na missão de agregar conhecimento aos alunos.

Aos servidores, militares e civis, da Escola de Guerra Naval pelo grande suporte em todas as atividades do C-EMOS, que nos permitiu concentrar esforços na obtenção do conhecimento.

A minha esposa, Constance Diniz Ramos Espiúca, e minha filha, Heloísa Diniz Ramos Espiúca, pela compreensão, amor e incondicional apoio ao longo do curso.

Aos meus pais, José Eugênio Nogueira Espiúca e Maria Helena de Melo Espiúca, pela persistência na educação, o que me permitiu chegar até aqui.

A todos que contribuíram, de maneira direta ou indireta, para o sucesso deste trabalho.

A Deus por permitir que mais este degrau fosse alcançado em minha vida.

## RESUMO

A decadência de alguns Estados e o fim da bipolaridade mundial, em 1989, fizeram emergir um cenário mundial que, na atualidade, aponta na tendência a conflitos cada vez mais complexos e imprevisíveis, envolvendo não somente atores estatais, mas também organizações híbridas, que empregam simultaneamente recursos convencionais, táticas e formações irregulares, ações terroristas, coerção e crime organizado. O objetivo da pesquisa é verificar se o Conjugado Anfíbio, parte do Poder Naval, possui as capacidades necessárias para se contrapor às ameaças híbridas. Usando primordialmente os conceitos abordados por Hoffman (2007) acerca da teoria da guerra híbrida, foram analisadas as características, peculiaridades e capacidades dessas ameaças, estudando-se o caso do Hezbollah no conflito do Líbano em 2006, comparando-as com as características e capacidades do Conjugado Anfíbio. O emprego do GptOpFuzNav na execução das atividades de Combate, Apoio ao Combate, a Apoio de Serviços ao Combate, integrando e sincronizando as funções de combate de forma a potencializar suas capacidades, proporciona possibilidades de emprego fundamentais para a sua atuação nesta conjuntura multifacetada e incerta. A resposta a tais ameaças se dará pela combinação de fogos e manobra com a integração de meios navais e de fuzileiros navais, associadas às operações de inteligência, com o emprego das características do Poder Naval por parte de um Conjugado Anfíbio aprestado e com capacidade de ser empregado na plenitude de suas capacidades. As ações relacionadas às populações na área de conflito serão igualmente importantes nesse contexto diverso, em que o estudo da complexidade do terreno é fundamental para que seja possível se contrapor a tais ameaças, uma vez que possuem forte apoio dos habitantes locais, além do patrocínio de atores externos que guardam interesses nas ações dessas organizações. A pesquisa nos permitiu concluir de forma coincidente à hipótese formulada, ou seja, que o Conjugado Anfíbio possui a capacidade de se contrapor às possibilidades de emprego das ameaças híbridas. Assim sendo, o corrente trabalho acena para um novo tipo de conflito que se debruça sobre o século XXI, devendo o Conjugado Anfíbio manter seu aprestamento em elevado nível para aplicar suas capacidades nessa forma peculiar de emprego.

**Palavras-chave:** Conjugado Anfíbio. Ameaça Híbrida. Guerra Híbrida. Hezbollah.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	4
<b>2</b>	<b>O PODER NAVAL E O CONJUGADO ANFÍBIO</b> .....	7
2.1	O Poder Naval.....	8
2.2	O Conjugado Anfíbio.....	11
2.3	Conclusões Parciais.....	14
<b>3</b>	<b>GUERRAS HÍBRIDAS</b> .....	16
3.1	Ameaças Híbridas.....	18
3.2	Formas de emprego das ameaças híbridas.....	22
3.3	Conclusões Parciais.....	24
<b>4</b>	<b>O HEZBOLLAH E A SEGUNDA GUERRA DO LÍBANO</b> .....	27
4.1	Hezbollah.....	27
4.2	Modus Operandi do Hezbollah.....	29
4.3	Emprego do Hezbollah na Segunda Guerra do Líbano.....	31
4.4	Conclusões Parciais.....	34
<b>5</b>	<b>O CONJUGADO ANFÍBIO E AS AMEAÇAS HÍBRIDAS</b> .....	37
5.1	Conclusões Parciais.....	42
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	44
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	49
	<b>ANEXO A - COMPOSIÇÃO DA GUERRA HÍBRIDA</b> .....	51
	<b>ANEXO B - CONTINUIDADE DO CONFLITO</b> .....	52
	<b>ANEXO C - EVOLUÇÃO DA AMEAÇA HÍBRIDA</b> .....	53

## **1 INTRODUÇÃO**

O fim da Guerra Fria (1947-1989), com a queda do muro de Berlim (1989), marca o término da bipolaridade mundial e os cenários subsequentes evidenciam o surgimento de conflitos em que não mais os Estados figuram como atores principais. Atores não estatais e, em algumas situações, híbridos, irrompem como ameaças, caracterizando uma nova realidade global. Dessa forma, os conflitos armados têm apresentado características não tradicionais que os aproximam de enfrentamentos entre Forças Armadas de um Estado e ameaças híbridas.

O preparo da expressão militar do Poder Nacional é baseado nas hipóteses de emprego, que, por sua vez, são baseadas nas conjunturas analisadas, com a identificação permanente das ameaças que podem afetar os interesses brasileiros. A percepção da existência das ameaças que possam se transformar em agressões, no âmbito externo ou interno do Estado, constitui a segurança do país, condição que permite ao país a preservação da soberania e da integridade territorial, assim como a preservação dos seus interesses nacionais, livres de pressões ou ameaças de qualquer natureza.

O emprego das Forças Armadas em um combate tradicional, entre Estados, é bastante conhecido e estudado ao longo da história, permitindo se aperfeiçoar a doutrina de emprego. Por outro lado, o emprego contra uma ameaça híbrida ainda não é tão difundido, por sua complexidade e dificuldade de compreensão, uma vez que tais organizações empregam não somente meios e táticas convencionais, conforme os exércitos regulares, mas também meios e técnicas irregulares, tais como guerrilha e terrorismo, de forma simultânea e com uso de violência.

O Poder Naval, particularmente o Conjugado Anfíbio, deve estar preparado para ser empregado nesse novo contexto bélico, diversificado e complexo, onde a superioridade de meios e efetivos nem sempre significa certeza de sucesso no campo de batalha,

proporcionando condições que neutralizem os efeitos dessas ameaças a fim de defender os interesses nacionais. Por isso, a análise das características e peculiaridades das ameaças híbridas torna-se fundamental para verificar se o Conjugado Anfíbio possui capacidade para se contrapor a tal ameaça.

A seguinte questão de pesquisa foi colocada: o Conjugado Anfíbio possui capacidade de se contrapor às ameaças híbridas? Para respondermos a essa questão serão analisados os conceitos e capacidades do Conjugado Anfíbio e das ameaças híbridas, e realizado um estudo de caso em que foi empregada uma organização híbrida em um conflito. A partir das características do Conjugado Anfíbio, concluir-se-á sobre as capacidades necessárias ao Conjugado Anfíbio para se contrapor a tal ameaça para, ao final do estudo, verificar a validade ou não da hipótese formulada. A hipótese é que o Conjugado Anfíbio possui capacidade de se contrapor às possibilidades de emprego das ameaças híbridas.

Assim sendo, de forma a verificar a forma de emprego das ameaças híbridas e responder à questão de estudo proposta, foi escolhida a análise do emprego do Hezbollah na Segunda Guerra do Líbano (2006), já que esse se contrapôs a um exército regular, as Forças de Defesa de Israel, aplicando seu poder de combate de modo convencional e não convencional.

O estudo limitar-se-á, no que tange ao Conjugado Anfíbio, a entender as capacidades dos fuzileiros navais, não se aprofundando na parte atinente aos meios navais desse Conjugado.

O presente trabalho desenvolver-se-á em quatro capítulos de desenvolvimento, além da conclusão. O primeiro apresentará conceitos acerca do Poder Naval e do Conjugado Anfíbio, à luz da doutrina vigente na Marinha do Brasil (MB), de forma a haver uma ambientação acerca do assunto em tela, citando suas características e capacidades, além da importância da manutenção de um Conjugado Anfíbio prestado em prol do cumprimento das

tarefas da MB.

Ao abordar o Poder Naval e suas tarefas básicas, este trabalho direcionará esforços à tarefa de projetar poder sobre terra, onde há preponderância de emprego dos Fuzileiros Navais, não detalhando as demais, em função da menor probabilidade de emprego do Conjugado Anfíbio nessas tarefas.

No segundo capítulo será apresentado o conceito de guerras híbridas, identificando as características das ameaças híbridas e sua evolução, até chegar a um nível de desenvolvimento que possa se contrapor às Forças convencionais de um Estado. Serão abordadas também as formas de emprego dessas organizações e como elas buscam explorar alguns aspectos favoráveis à condução de suas ações em um conflito.

No terceiro capítulo será estudado o Hezbollah como exemplo de uma ameaça híbrida desenvolvida, identificando suas características e capacidades, assim como seu *modus operandi* e seu emprego durante a Segunda Guerra do Líbano, abordando como tal organização conseguiu obter êxito contra um exército regular.

Já no último capítulo do desenvolvimento, será mostrada uma correlação entre as capacidades do Conjugado Anfíbio e as formas de emprego das ameaças híbridas, em que será possível levantar argumentos acerca da questão de estudo evidenciada neste trabalho, comprovando ou não a capacidade do Conjugado Anfíbio de se contrapor a tais ameaças.

Finalmente, no último capítulo do trabalho, em decorrência lógica dos que o precedem, serão apresentadas as conclusões da pesquisa.

Dando início ao desenvolvimento do trabalho, será apontado o arcabouço conceitual de Poder Naval, sua relação com o Conjugado Anfíbio e sua importância no cenário atual.



## **2 O PODER NAVAL E O CONJUGADO ANFÍBIO**

Dada a crescente demanda pelo emprego de forças militares em um ambiente cada vez mais conturbado, onde a necessidade de cooperação de segurança e capacidade de resposta a crises cresce de importância, a Força Naval pode optar por empregar táticas que envolvem maior dispersão dos navios no mar e/ou manobra nas proximidades de um litoral. Além dos meios navais alocados a essa Força, um vetor de natureza expedicionária, composto por Fuzileiros Navais (FN), com capacidade para planejar e responder às complexas ameaças, se torna um diferencial importante na atualidade.

Os FN estadunidenses desenvolveram, como resultado do adestramento e do emprego em situações reais de combate, uma cultura organizacional, uma mentalidade expedicionária, que faz com que se sintam parte de uma instituição que tem como tarefa principal a projeção de poder sobre terra (EUA, 1998).

No Brasil, a projeção de poder sobre terra é uma das quatro tarefas básicas do Poder Naval e, para que os FN possam desembarcar em terra, com a realização do movimento navio para terra, é necessário que meios navais sejam empregados de forma conjunta e coordenada.

Este capítulo abordará as definições de Poder Naval e Conjugado Anfíbio, à luz da doutrina vigente na Marinha do Brasil (MB), evidenciando a importância da manutenção de um Conjugado Anfíbio aprestado em condições de cumprir as tarefas básicas do Poder Naval.

Na seção que se segue, serão apresentadas a definição de Poder Naval, de acordo com a Doutrina Básica da Marinha (DBM) (2014), as características e as tarefas básicas do Poder Naval, buscando identificar, dentre estas, aquela em que o Conjugado Anfíbio é mormente empregado.

## 2.1 O Poder Naval

O estrategista Alfred Mahan (1840-1914), em sua obra *The Influence of Sea Power Upon History, 1660- 1763* (1890) apresenta os fatores fundamentais para o domínio dos mares e afirma que uma grande Marinha é um pré-requisito para a grandeza nacional. Seus conceitos tiveram grande repercussão nas estratégias marítimas no passado e levaram estudiosos a concluir sobre a importância de se assegurar um Poder Naval em um patamar compatível com as necessidades e aspirações nacionais. A Estratégia Nacional de Defesa (END) (2013) brasileira ressalta que o objetivo prioritário da Estratégia de Segurança Marítima é a dissuasão com a negação do uso do mar ao inimigo que se aproxime do Brasil por via marítima. Além disso, embora a postura brasileira seja diplomática e dissuasória, o Livro Branco de Defesa Nacional (LBDN) (2012) destaca que as Forças Armadas devem estar com um nível adequado de prontidão e modernização, já que podem surgir crises internacionais à revelia da vontade do país.

Diante do que prevê a END e o LBDN, o país deve estar em condições de não somente exercer a dissuasão, mas também possuir um nível de prontidão adequado de suas Forças Armadas para se impor no cenário internacional. Dentro desse contexto enquadra-se o Poder Naval e sua prontidão operativa.

Para efeito dos estudos aqui apresentados, será tomada como base a definição de Poder Naval segundo a DBM (2014):

O Poder Naval compreende os meios navais, aeronavais e de FN, as infraestruturas de apoio, e as estruturas de comando e controle, de logística e administrativa. As forças e os meios de apoio não orgânicos da MB, quando vinculados ao cumprimento da missão da Marinha e submetidos a algum tipo de orientação, comando ou controle de autoridade naval, serão considerados integrantes do Poder Naval (DBM, 2014, p.5).

Os elementos integrantes do Poder Naval ora mostrados deverão explorar suas características de mobilidade, permanência, versatilidade e flexibilidade. De acordo com o

descrito na DBM (2014), a primeira representa a capacidade de deslocar-se prontamente e a grandes distâncias, em condições de emprego imediato. A permanência indica a capacidade de operar, continuamente, com independência e por longos períodos, em áreas distantes e de grandes dimensões. Já a característica de versatilidade permite ao Poder Naval alterar a postura militar, mantendo a aptidão para executar uma ampla gama de tarefas. A flexibilidade significa a capacidade de organizar grupamentos operativos de diferentes valores, em função da missão, possibilitando a gradação no seu emprego.

Ainda conforme pregado pela DBM (2014), a exploração destas características, com um adequado apoio logístico, permite que o Poder Naval possa ser empregado em um amplo espectro de atividades, desde a diplomacia naval até as operações de guerra.

O mundo atual, particularmente após o término da Guerra Fria, presencia a decadência do Estado como ator principal nos mais complexos conflitos e apontam para o surgimento de ameaças não tradicionais, mais presentes neste ambiente de incertezas. Tal cenário apresenta desafios que demandam dos Estados, quando envolvidos em novos conflitos, uma necessidade cada vez maior de se contar com um Poder Naval com capacidade para confrontar ameaças, sejam elas convencionais ou não.

De forma a estar em condições de ser aplicado neste cenário diverso, do Poder Naval é exigida a aptidão para cumprir as diversas tarefas básicas que lhe são associadas na DBM (2014), em tempos de paz ou em tempos de guerra, quais sejam:

- a) negar o uso do mar ao inimigo;
- b) controlar áreas marítimas;
- c) projetar poder sobre terra; e
- d) contribuir para a dissuasão.

Dentre as tarefas básicas do Poder Naval acima listadas, aquela em que há um preponderante envolvimento do Conjugado Anfíbio é a projeção de poder sobre terra,

podendo o mesmo também ser empregado na contribuição para a dissuasão.

Cada uma dessas tarefas, que constam na END (2013) em ordem de precedência, são desenvolvidas no contexto amplo e cada uma se desenvolve por meio de diversos tipos de operações e ações de Guerra Naval<sup>1</sup>.

O componente anfíbio, particularmente na execução da tarefa de projetar poder sobre terra, em consonância com o que escreveu MONTEIRO (2010), pode, entre outras ações, reduzir a resistência inimiga pela destruição ou neutralização de objetivos selecionados, para propiciar o início de uma campanha terrestre, negar ao inimigo o uso de uma determinada área, apoiar outras operações em terra, ou, por meio de Operações de Evacuação de Não-Combatentes<sup>2</sup>, salvaguardar a vida humana ou resgatar pessoas, preferencialmente brasileiros, fora do território nacional, cujas vidas estejam em perigo.

No ano de 2008, por ocasião da promulgação da 2ª edição da END, foi estabelecido que a estrutura militar brasileira deveria possuir capacidade expedicionária e foi designado o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) como a força de caráter expedicionário por excelência. Um dos motivos para a escolha da MB foi em função das características do Poder Naval e por conta da razoável probabilidade de ocorrência de conflitos em regiões costeiras.

Com a designação do CFN como força de caráter expedicionário, em permanente condição de pronto emprego, fica assegurada a capacidade do Poder Naval de projetar poder sobre terra, permitindo seu emprego para cumprir a missão em área operacional distante de suas bases terrestres (BRASIL, 2014).

As características do Poder Naval descritas anteriormente prestam à Força Naval capacidades únicas que permitirão seu emprego em um amplo espectro de cenários, contra

---

<sup>1</sup> Guerra Naval é a parte da guerra constituída por ações militares realizadas predominantemente em áreas marítimas ou águas interiores. Consiste no emprego do Poder Naval, contribuindo para a obtenção de objetivos políticos do Estado (BRASIL, 2014).

<sup>2</sup> É uma operação realizada que tem como efeito desejado a evacuação de cidadãos brasileiros e de outras nacionalidades indicadas pelo Governo, impossibilitados de prover sua autodefesa que, por qualquer motivo, encontrem-se em região de risco (BRASIL, 2014).

ameaças de diferentes matizes e intensidades. Aditada pela capacidade expedicionária dos FN, a Força Naval fica em condições de prover uma resposta rápida às demandas nacionais, proporcionando condições de cumprimento das tarefas básicas do Poder Naval prescritas na DBM (2014), particularmente a projeção de poder sobre terra com o emprego do Conjugado Anfíbio.

Na próxima seção será estudada a integração dos meios navais e de FN, conceituando o Conjugado Anfíbio e a importância de mantê-lo aprestado para o cumprimento das tarefas básicas do Poder Naval e ser capaz de se contrapor às mais variadas ameaças, em ambientes operacionais diversos, onde a MB possa ser empregada em defesa dos interesses nacionais.

## **2.2 O Conjugado Anfíbio**

Com a queda do Muro de Berlim, a segurança e a estabilidade, que a Guerra Fria forneceu, desapareceram. Neste novo cenário, surgem outros tipos de conflitos onde verifica-se um conjunto mais amplo e heterogêneo de potenciais ameaças. Muitas destas, diferentemente dos habituais Estados, serão atores difíceis de serem identificados, tais como grupos terroristas e redes de crime organizado, que apresentam desafios novos e originais.

As indefinições acerca das ameaças correntes, além da concentração populacional nas regiões costeiras, acabam por valorizar a necessidade de um Poder Naval que disponha de uma força de caráter expedicionário que possa ser empregada, em área operacional distante de suas bases, em prol da defesa dos interesses brasileiros.

Ao descrever a importância da capacidade expedicionária para o CFN, MONTEIRO (2010) cita que o Conjugado Anfíbio deve ser expedicionário, e não apenas os

FN, já que os meios navais é que são os vetores da mobilidade estratégica<sup>3</sup> que se busca ao se empregar o Conjugado em prol dos interesses da nação.

Ao buscar uma melhor compreensão da importância dessa capacidade expedicionária para uma Marinha, pode se analisar o que Julian Corbett escreveu em sua obra *Some Principles of Maritime Strategy* (1988):

Desde que os homens vivem sobre a terra e não sobre o mar, questões grandes entre as nações em guerra sempre foram decididas – exceto em casos mais raros – por o que seu exército pode fazer contra o território do seu inimigo e sua vida nacional, ou então pelo medo de o que a esquadra possibilita que seu exército possa fazer (CORBETT, 1988, p. 16, Tradução Nossa).

O emprego do Poder Naval, por suas características, particularmente com a presença de uma tropa expedicionária embarcada, em um determinado Teatro de Operações proporciona a este vetor militar uma capacidade de dissuasão que pode se refletir nos rumos de determinada situação de tensão entre Estados.

Essa relação entre meios navais e de FN permite à MB explorar a capacidade de seus meios e as características do Poder Naval em conjunto com as possibilidades de emprego dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav)<sup>4</sup>, de forma a possuir um vetor expedicionário capaz de se impor no cenário internacional.

O Conjugado Anfíbio, de acordo com a doutrina vigente na MB, corresponde a uma Força Naval, com um GptOpFuzNav embarcado juntamente com os meios aeronavais disponibilizados, em condições de cumprir missões diretamente associadas às tarefas básicas do Poder Naval (BRASIL, 2013a).

De forma a melhor empregar os FN no combate, o comandante deve considerar

<sup>3</sup> Mobilidade Estratégica é a mobilidade de uma força, relacionada a grandes distâncias e relativa à execução de ações estratégicas, apreciada, particularmente, pela sua transportabilidade, raio de ação, velocidade de intervenção e flexibilidade de emprego (BRASIL, 2015b). Segundo a END (2013), a mobilidade estratégica – entendida como a aptidão para se chegar rapidamente ao teatro de operações – reforçada pela mobilidade tática – entendida como a aptidão para se mover dentro daquele teatro – é o complemento prioritário do monitoramento/controle e uma das bases do poder de combate (BRASIL, 2013b).

<sup>4</sup> GptOpFuzNav é uma organização para o combate nucleada por tropa de FN, constituída para o cumprimento de missão específica e estruturada segundo o conceito organizacional de componentes, e que reúne os elementos constitutivos de acordo com a natureza de suas atividades (BRASIL, 2013a).

cada função de combate<sup>5</sup>, integrá-las e sincronizá-las para multiplicar seu poder de combate e ter condições de se contrapor às ameaças vindouras.

Os GptOpFuzNav realizam, para o cumprimento das missões a eles atribuídas, diversas atividades classificadas como de Combate, que se destinam à realização das operações ofensivas e defensivas propriamente ditas (emprego da Infantaria, blindados em ações de combate e tropas de operações especiais), de Apoio ao Combate, que se destinam a proporcionar apoio de fogo, apoio ao movimento, apoio à capacidade de Comando e Controle e à proteção do GptOpFuzNav (apoio aéreo, apoio ao desembarque, apoio de fogo naval, Artilharia, blindados, comunicações, defesa antiaérea, defesa anticarro, defesa nuclear, bacteriológica, química e radiológica, Engenharia de combate, guerra cibernética, guerra eletrônica, reconhecimento e vigilância) e de Apoio de Serviços ao Combate, que incluem as atividades responsáveis pelo apoio logístico aos GptOpFuzNav empregando as diversas funções logísticas (BRASIL, 2013a).

As características dos GptOpFuzNav e as atividades por ele desenvolvidas, associadas ao seu caráter expedicionário, conferem-lhe capacidades, de acordo com o Manual de Fundamentos de Fuzileiros Navais (BRASIL, 2013a), que o permitem ficar baseado em navios por longos períodos, receber a missão já embarcado e planejar a bordo, ser projetado a partir do mar por vetores orgânicos do CFN, navais e aeronavais, com tropas e meios especialmente adaptados ao desembarque e atuar independente de outra Força em terra.

Em virtude de suas capacidades intrínsecas, considerando-se as características do Poder Naval e as peculiaridades do emprego dos GptOpFuzNav, o aprestamento do Conjugado Anfíbio, somado aos meios navais em condições de pronto emprego, proporciona ao Poder Naval a necessária credibilidade para sua mobilidade estratégica, permitindo uma melhor exploração de suas possibilidades de emprego (MONTEIRO, 2010).

---

<sup>5</sup> As funções do combate abrangem todas as atividades militares realizadas em um Espaço de Batalha e são divididas em: comando e controle, manobra, apoio de fogo, inteligência, logística, proteção e mobilidade e contramobilidade (BRASIL, 2013a).

Consequentemente, proporciona condições de emprego do Poder Naval como resposta rápida a crises, na condução de ações em um amplo espectro de operações, em diferentes cenários de interesse (BRASIL, 2013a).

A prontidão operativa dos GptOpFuzNav, como parte do Conjugado Anfíbio, em conjunto com os meios navais pré-posicionados, em determinado Teatro de Operações, contribui sobremaneira para a dissuasão ou cria condições vantajosas, no campo diplomático, para uma negociação em um cenário de crise (BRASIL, 2013a), pensamento já fundamentado pelas ideias de Julian Corbett em sua obra *Some Principles of Maritime Strategy* (1988). Dessa forma, é a capacidade que o Poder Naval possui de integrar os seus componentes naval, aeronaval e anfíbio que garantirá a sua eficácia para atuar em diversificadas operações, em cenários estratégicos de interesse (MONTEIRO, 2010).

A permanência, característica do Poder Naval, vai garantir que o instrumento Conjugado Anfíbio possa se impor por sua dissuasão e fazer valer a vontade do Estado em suas negociações, mesmo longe do território nacional. Ademais, as características de versatilidade e flexibilidade permitirão seu emprego em oposição não apenas a atores estatais, mas também contra ameaças de diferentes características e composição. Isso justifica a necessidade de se manter esse Conjugado em plena prontidão, como instrumento dissuasório e, em possíveis situações, como forma de impor a vontade do Estado brasileiro.

### **2.3 Conclusões Parciais**

As características do Poder Naval (mobilidade, permanência, versatilidade e flexibilidade), somadas à autossuficiência, capacidade expedicionária e flexibilidade dos FN, com a aplicação do conceito de GptOpFuzNav, acaba por conferir ao Conjugado Anfíbio uma característica peculiar que o permite ser empregado em variados tipos de missões e em



ambientes operacionais diversificados, em resposta aos mais diferentes tipos de ameaças, podendo atuar em mais de um Teatro de Operações.

O emprego do GptOpFuzNav na execução das atividades de Combate, Apoio ao Combate e Apoio de Serviços ao Combate, integrando e sincronizando as funções de combate de forma a potencializar sua capacidade global para influir nas operações, proporciona possibilidades de emprego fundamentais para a sua atuação no cenário internacional em oposição às novas ameaças.

Percebe-se que, para o emprego dos GptOpFuzNav na plenitude de suas capacidades, os meios navais têm fundamental relevância, uma vez que usam o mar para a sua atuação em situações de crise no exterior. Este é o cerne do Conjugado Anfíbio: possuir meios navais e de FN em condições de pronto emprego.

Tal capacidade de ser empregado em cenários diversos confere uma importância vital ao aprestamento do Conjugado Anfíbio para a MB, que deve estar com seus meios navais, particularmente os anfíbios, e de FN em condições de comporem o Conjugado, o que vai ratificar a credibilidade do Poder Naval com sua mobilidade estratégica, mantendo-o no nível de atender às necessidades dos compromissos nacionais no cenário internacional.

A importância desse aprestamento é atestada quando a necessidade apontar para um oponente não tradicional, ou seja, quando a ameaça envolver um ator não estatal, que tenha condições de empregar meios convencionais e não convencionais, utilizando táticas de Forças regulares e, até mesmo, técnicas de guerrilha, entre outras.

Uma vez apresentada a importância de se manter um Conjugado Anfíbio em condições de cumprir as tarefas básicas do Poder Naval, o capítulo seguinte abordará o conceito de guerra híbrida, um entendimento acerca de ameaça híbrida e suas características, verificando como estas podem ser empregadas, assim como os impactos de sua atuação no cenário atual.

### 3 GUERRAS HÍBRIDAS

Com a queda do Muro de Berlim e o subsequente desmantelamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em 1991, a bipolaridade mundial se encerra e observa-se um mundo cada vez mais heterogêneo, em termos de ameaças, o que faz alguns autores identificarem o surgimento de conflitos com novas características.

Segundo Hoffman<sup>6</sup> (2007), o surgimento de novos conflitos, não necessariamente entre Estados, é intensificado com os acontecimentos de 11 de setembro de 2001. Nesta ocasião houve uma série de ataques terroristas, reivindicados pela organização fundamentalista islâmica Al-Qaeda, contra alvos representativos estadunidenses dentro do território norteamericano. Esse evento exemplificou as complexidades e perigos do ambiente de segurança imprevisível no século XXI e despertou o mundo para o amanhecer de uma nova era de guerras, onde a força militar por si só é insuficiente para alcançar os interesses de um Estado.

Esse caráter de indefinição de conflito testa os interesses de segurança do Ocidente, com o surgimento de ameaças que apresentarão desafios com novas características e formas de emprego. A composição heterogênea e a dificuldade de se identificar quem combate e que tecnologias emprega produzem uma maior complexidade aos conflitos. O emprego simultâneo de recursos convencionais, táticas e formações irregulares, ações terroristas, coerção e crime organizado com uso de violência caracteriza uma diversidade no modo de guerra, sendo conhecida como guerra híbrida (HOFFMAN, 2007).

Na perspectiva do Relatório da Conferência de Segurança de Munique (2015), a guerra híbrida é uma combinação de múltiplas ferramentas de guerra convencional e não

---

<sup>6</sup> Frank G. Hoffman é Tenente-Coronel da reserva do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América e trabalha atualmente na Universidade Nacional de Defesa como um pesquisador sênior do Instituto de Estudos Estratégicos Nacionais norteamericano. Foi um dos primeiros escritores a abordar o termo guerra híbrida em sua obra “*Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars*” em 2007 (HOFFMAN, 2007).

convencional, envolvendo diversas capacidades, conforme apresentado na figura do Anexo A.

A Estratégia Nacional Militar norte-americana de 2015 (EUA, 2015) esclarece que o conflito híbrido mistura forças convencionais e irregulares para criar ambiguidade, manter a iniciativa e paralisar o adversário, atuando não somente no campo físico, mas também no campo humano (psíquico), dificultando o processo de tomada de decisão e reduzindo a velocidade de coordenação de respostas efetivas. A figura do Anexo B é uma representação gráfica desta ambiguidade do conflito híbrido.

A nova ordem mundial e o surgimento destes novos conflitos prevê uma mistura da letalidade do conflito tradicional entre Estados com o fanatismo agudo da guerra irregular<sup>7</sup>.

Portanto, para o seguimento da pesquisa, será usado o conceito de guerra híbrida preconizado por McCulloh e Johnson (2013), como se segue:

A teoria da guerra híbrida pode ser melhor resumida como uma forma de guerra em que um dos atores baseia o emprego de sua estrutura de força otimizada na combinação de todos os recursos disponíveis, tanto convencional quanto não convencional, em um contexto cultural único, para produzir efeitos específicos e sinérgicos contra um adversário convencional (MCCULLOH; JOHNSON, 2013, p.16, tradução nossa).

Os conceitos apresentados pelo Tenente-Coronel Hoffman descrevem bem a natureza heterogênea das várias modalidades de conflitos que as Forças Armadas organizadas, defensoras dos interesses de seus Estados, terão que enfrentar na atualidade. De forma a ter um melhor desempenho nesse cenário obscuro de novas ameaças, o Poder Naval deve estar preparado para enfrentar este adversário híbrido.

Neste capítulo serão expostas as definições, as características e evolução das ameaças híbridas, assim como uma abordagem da maneira como elas são empregadas, de forma a permitir uma ambientação destes novos conceitos, crescentes nos dias atuais e tão presente nos conflitos modernos.

A seção a seguir abordará a definição, as características e as variáveis centrais de

---

<sup>7</sup> Guerra Irregular - forma, método ou processo de realizar ações ou operações militares, por forças irregulares, contra um governo estabelecido ou uma força de ocupação, compreendendo ações interligadas de guerra de guerrilha e de subversão (BRASIL, 2008).

uma organização híbrida, mostrando sua evolução até se transformar numa ameaça desenvolvida.

### **3.1 Ameaças Híbridas**

O atual cenário internacional expõe um número crescente de grupos terroristas e atores não-estatais que exploram as vulnerabilidades de Estados desestruturados ou falidos<sup>8</sup> para expandirem as suas bases de operações. Por sua vez, as atividades desses grupos representam sérias ameaças à segurança de Estados organizados, já que esses se tornam territórios seguros para se espalhar o terrorismo (BOND, 2007).

Um Estado desagregado onde elementos de forças irregulares tenham se infiltrado no exército regular enfraquecido pode vir a ser o local ideal para o desenvolvimento do embrião da organização híbrida, que poderá se valer da experiência desses combatentes e até mesmo fazer uso de seu inventário de equipamentos convencionais para futuras ações.

Usando versões do islamismo radical como uma ideologia, grupos como a Al Qaeda e o Hezbollah ganham apoio de populações oprimidas no interior dos Estados falidos, particularmente no Oriente Médio, onde a situação interna instável em determinados países e a difícil situação econômica e social para seus habitantes tornaram-se, juntos, o ponto de partida para um crescimento da insurgência<sup>9</sup> (BOND, 2007).

As ameaças híbridas podem operar de forma convencional e não convencional, empregando combinações de táticas tradicionais, irregulares e de crime organizado. Neste

---

<sup>8</sup> Estados falidos são convulsionados pela violência interna e já não podem entregar bens políticos positivos para seus habitantes. Seus governos perdem legitimidade e a própria natureza do Estado-nação torna-se ilegítima nos olhos e no coração de uma crescente pluralidade de seus cidadãos. Esses Estados são tensos e estão afundados em conflito por facções em guerra. Na maioria deles, tropas do governo combatem grupos revoltosos armados (ROTBERG, 2003).

<sup>9</sup> Segundo o Glossário das Forças Armadas (2015), insurgência é o uso intensivo das práticas de guerra irregular por um grupo radical ou movimento extremista, que recorre à luta armada para a consecução de seus objetivos (BRASIL, 2015b).

contexto, fazem uso de capacidades militares tradicionais de diferentes maneiras, não somente como os exércitos regulares, mas também em conjunto com táticas irregulares (EUA, 2010).

Para a condução de uma guerra convencional, as Forças tradicionais empregam táticas e regras já preestabelecidas e difundidas por outros exércitos. Já os insurgentes não obedecem qualquer tipo de regra, utilizando técnicas de guerrilha e de terrorismo.

O desenvolvimento desses grupos extremistas, que, numa fase subsequente de evolução, passam a atuar como um ator híbrido, leva tais organizações a cometerem violações das leis internacionais da guerra, já que estas não são aplicadas a tais atores não estatais.

É importante notar que as ameaças híbridas não são uma novidade no cenário internacional. Entre outros exemplos, cita-se o conflito denominado Guerra do Vietnã (1955-1975), em que foram combinadas forças irregulares e regulares, por parte dos Vietcongues<sup>10</sup>, na luta contra as forças francesas e norte-americanas.

A Circular de Treinamento do Exército estadunidense (TC 7-100) cita que uma particularidade destas novas ameaças é a sua capacidade de adaptação. Sua velocidade, agilidade, versatilidade e mutabilidade são as chaves para o sucesso em uma luta contra um adversário organizado, de maior efetivo e mais poderoso (EUA, 2010).

Os grupos ou organizações evoluem de um estágio inicial até que sejam desenvolvidos para que possam ser considerados organizações híbridas. Ao se estudar um adversário, deve-se avaliar três variáveis principais necessárias para que ele constitua uma ameaça híbrida: maturidade, capacidade e complexidade do terreno (BOWERS, 2014).

A maturidade da organização normalmente contempla seu grau de organização e coesão, o grau de influência de suas lideranças, o apoio recebido da população de sua área de atuação, a receptividade a Estados patrocinadores, e o grau de comprometimento do grupo

---

<sup>10</sup> A Frente Nacional para a Libertação do Vietnã (cujos combatentes eram chamados vietcongues) foi um exército formado por sul-vietnamitas que lutaram na Guerra do Vietnã (1955-1975) junto ao exército do Vietnã do Norte contra a coalizão formada pelos Estados Unidos e pelo governo do Vietnã do Sul (THE PENTAGON, 1971).

com seus objetivos (BOWERS, 2014).

Dos fatores essenciais para se desenvolver uma maturidade da organização híbrida, ressalta-se o apoio da população local. Uma vez que a organização atua em determinada área geográfica, é fundamental que esteja em sintonia com os habitantes da região, de forma que consigam exercer suas atividades, principalmente pelo aporte logístico em caso de conflito.

No que tange à capacidade, uma organização híbrida precisa contar, pelo menos, com algumas das capacidades de uma Força Armada convencional moderna, tais como um tipo específico de arma ou tecnologia (devendo possuir adestramento para utilizá-las efetivamente), possuir recursos financeiros e materiais, além da capacidade de se sustentar durante longos períodos de combate (BOWERS, 2014).

Cada vez mais, os oponentes não estatais (insurgentes, terroristas ou organizações criminosas) terão acesso às novas tecnologias. Uma teia de redes sociais, simpatizantes religiosos e refugiados permite que tais atores não estatais movam pessoal e armas pelas fronteiras internacionais, o que lhes permite criar efeitos em vasta área geográfica, além daquela onde a organização se estabeleceu, muitas vezes sem serem identificados como potenciais ameaças à segurança do Estado. Novas tecnologias para comunicações, vigilância, busca de informações e uso de armas remotamente controladas estão ao alcance desses adversários (EUA, 2012).

O desenvolvimento da tecnologia da informação, aliado ao desenvolvimento de armas com cada vez maior poder de destruição, e sua disseminação para organizações não estatais, acabou por favorecer estes atores híbridos, que encontraram uma nova forma de disseminarem seu terror por meio das mídias sociais, dando maior visibilidade a suas ações e afetando diretamente a opinião pública, ao mesmo tempo em que degrada a credibilidade do Estado e de suas Forças Armadas.

Para agravar o problema, o campo de batalha nas guerras híbridas de amanhã terá lugar em terreno complexo, diferentemente dos campos de batalha tradicionais, expandindo o conflito para as cidades dos países em desenvolvimento, onde a densidade de população, redes de transporte, serviços públicos e infraestrutura lhes dão várias rotas de fuga, além da capacidade de ocultação. A complexidade de tal terreno dificulta a seleção de alvos, além de exercer pressão adicional sobre a capacidade organizacional, logística, de comunicações e de transporte de uma Força militar convencional. O adversário híbrido conhece e explora as vantagens que este terreno proporciona, buscando compensar a superioridade numérica de um exército convencional (HOFFMAN, 2007).

Outra área de atuação em que houve avanços é o ciberespaço. As capacidades cibernéticas incluem a execução de ataques a redes e recrutamento e podem, cada vez mais, serem exploradas por esses adversários híbridos, já que a evolução da tecnologia da informação permite o acesso de qualquer organização a estas facilidades (BOWERS, 2014).

Em um ambiente multifacetado como o citado, o estudo das características da área de operações tem relevante importância, buscando identificar como a guerrilha urbana pode usar o terreno para maximizar suas vantagens. Tais possibilidades, se bem exploradas, permitem que um adversário numericamente inferior possa causar grandes danos a uma tropa regular que busca se contrapor à ameaça híbrida.

Mais um aspecto que deve ser levado em consideração é o aspecto humano associado à complexidade do terreno. Tal aspecto aumenta em complexidade, passando de um único grupo cultural em uma área rural, até vários grupos étnicos ou religiosos hostis (BOWERS, 2014).

Esses grupos podem evoluir ao longo de um espectro que vai de bandos pouco organizados a adversários extremamente organizados e motivados por uma ideologia fanática, apresentando uma evolução com transformações específicas e previsíveis. Somado a essa

particularidade, temos a questão do apoio da população na área de atuação da organização híbrida, que já fora citada anteriormente.

A figura do Anexo C apresenta uma visão de como essas variáveis influenciam na formação e identificação de uma ameaça híbrida.

A combinação híbrida de capacidades militares avançadas e maturidade organizacional não é algo comum entre os grupos armados nem pode ser facilmente obtida de forma rápida e simples. Assim, é importante prever como e quando um grupo armado se transforma em um adversário híbrido plenamente desenvolvido (BOWERS, 2014).

Dessa forma, o acompanhamento destes grupos é fundamental para se perceber o momento em que eles passam a ameaçar um Estado organizado e seus interesses.

Uma vez que já se possui um conhecimento acerca das ameaças híbridas, na seção seguinte buscar-se-á estudar suas formas de emprego, mostrando como elas podem oferecer resistência aos exércitos regulares dos Estados.

### **3.2 Formas de emprego das ameaças híbridas**

As questões de segurança, nos próximos anos, sentirão os efeitos cada vez maiores das ações das organizações híbridas. Atuando principalmente em regiões de Estados em desagregação e em terrenos complexos, essas organizações buscam estar preparadas para se contrapor às Forças de um Estado, conjugando os pontos fortes de uma Força irregular com as diversas capacidades de uma Força militar organizada (BOWERS, 2014).

Uma vez que possuem capacidades convencionais e não convencionais, futuros adversários (Estados, grupos patrocinados por Estados ou atores autofinanciados) irão explorar a busca por capacidades militares modernas, incluindo sistemas de comunicações criptografadas, mísseis superfície-ar portáteis e outros modernos sistemas letais de superfície.



Da mesma forma irão promover atos com emprego de violência, empregando emboscadas, dispositivos explosivos improvisados, terrorismo, além de guerra cibernética, com ampla divulgação por meio de redes sociais, de forma a causarem grande impacto na opinião pública (HOFFMAN, 2007). O objetivo desse novo tipo de ameaça pode incluir conflitos prolongados para desgastar ou, até mesmo, derrotar a Força convencional de um Estado.

Dessa maneira, o propósito da abordagem híbrida é não facilitar a progressão da força regular, evitando que haja um enfrentamento direto, nem buscar atrair uma força convencional para a batalha decisiva, uma vez que poderiam ser derrotados em função de estarem em inferioridade numérica e de meios. O componente perturbador das guerras híbridas vem da difusão do pavor e do terror no seio da população e da opinião pública do país alvo, sendo usada para facilitar a desordem e a perturbação (HOFFMAN, 2007).

Com o emprego de violência e explorando as mídias atuais, adversários híbridos buscam vitória pela fusão das táticas irregulares e os meios mais letais disponíveis para atacar e atingir os seus objetivos, evitando o confronto direto contra Forças convencionais.

As ameaças híbridas podem, simultaneamente, criar instabilidade econômica, fomentar a falta de confiança no governo existente e, por meio de operações psicológicas, fornecer uma mensagem consistente com seus objetivos, influenciando os habitantes locais para a sua causa (EUA, 2010).

A complexidade do terreno e do aspecto humano citados na seção anterior estão intimamente ligados ao caráter operacionalmente defensivo da guerra híbrida. As organizações híbridas têm uma relação próxima com a população local, fazendo com que seja quase impossível para elas operar efetivamente sem vínculos próximos aos habitantes da região ou sem conhecerem o terreno onde operam. Caso sejam privadas desses dois aspectos, apoio da população e conhecimento do terreno, deixam de ter muitas das vantagens táticas da defesa, no que diz respeito ao emprego de suas armas e capacidades de usar o terreno a seu

favor, assim como a logística proveniente da região (BOWERS, 2014).

Dessa forma, a força híbrida procura defender a sua existência e emprega operações defensivas, variando, pontualmente, para ações ofensivas de alta intensidade, com aproveitamento das características da área de operações e o apoio da população.

Um dos aspectos mais perigosos de uma ameaça híbrida é a capacidade dos seus componentes para a transição de uma situação aparentemente tradicional para uma de força irregular, vindo a misturar-se com a população local, dificultando sua identificação positiva como delinquente. Variando entre condutas convencionais e outras não convencionais, estes dois tipos de forças agem em conjunto na busca dos seus objetivos. (EUA, 2010).

Na seção anterior apresentou-se as variáveis necessárias à evolução de um ator até que se torne uma ameaça híbrida de relevante importância. Quanto maior for o desenvolvimento do adversário híbrido, maior capacidade este possuirá para passar, quando tiver necessidade, da guerra irregular para um combate convencional, variando suas ações e causando forte perturbação local, influenciando a opinião pública e degradando as ações do Estado constituído e de suas Forças Armadas convencionais.

As organizações híbridas, quando empregam a força, fazem uso de táticas que se manifestam também no domínio cognitivo a fim de, continuamente, minar as forças do adversário e sua vontade de combater (MCCULLOH; JOHNSON, 2013). Esse aspecto está diretamente relacionado com o aspecto humano abordado por Bowers (2014) quando apresenta as variáveis necessárias para o desenvolvimento e evolução da organização híbrida.

### **3.3 Conclusões parciais**

As Forças Armadas de um Estado, por serem forças convencionais, são empregadas de forma técnica e racional, de acordo com suas doutrinas, e se preparam para

melhor atender a uma variedade de possíveis hipóteses de emprego. Já as ameaças híbridas empregam técnicas convencionais e não convencionais em cenários cada vez mais heterogêneos buscando atingir seus objetivos.

Em uma guerra híbrida, a ausência de padrões rígidos de emprego possibilita que a ameaça se adeque aos mais diversos cenários, muitas vezes fazendo uso de técnicas de guerrilha e de terrorismo de forma a minar o Estado constituído e diminuindo sua credibilidade no seio da sociedade.

Com o fracasso e a desagregação de alguns Estados, é criado um terreno fértil para a expansão destes grupos que buscam explorar tais vulnerabilidades estatais, muitas vezes apoiados por organizações não estatais ou por outro Estados que os patrocinam na busca de seus objetivos.

O desenvolvimento de grupos insurgentes até que se tornem ameaças híbridas desenvolvidas passa por três variáveis: maturidade, capacidade e complexidade do terreno.

A primeira se refere a sua organização, liderança, apoio da população e seu comprometimento com seus objetivos. O apoio da população é fundamental e, ao fazer o grupo insurgente se fortalecer, acaba por ter como consequência a degradação das condições do Estado e de suas Forças Armadas.

A variável denominada capacidade abarca a possibilidade de a ameaça, possuindo armas ou tecnologias que as permitam pleno engajamento em combate, possuir capacidades de uma Força Armada convencional.

A complexidade do terreno é uma variável significativa, uma vez que o terreno das cidades, onde tais grupos se imiscuem com a população residente, proporciona aos defensores uma série de vantagens que estes buscam explorar a seu favor e compensar a superioridade bélica das Forças regulares. Dessa forma, o estudo das características da área de operações torna-se fundamental e permitirá as Forças convencionais mitigarem as vantagens

que os insurgentes podem tentar explorar.

Tal complexidade passa também pelo aspecto humano, englobando a diversidade étnica e cultural, tão presentes no mundo atual e que podem ser mais uma semente de desenvolvimento destas ameaças.

Empregando capacidades convencionais e não convencionais, as ameaças híbridas irão explorar capacidades militares modernas, ao mesmo tempo em que realizam ações irregulares, com o emprego de táticas de guerrilha ou terrorismo, espalhando medo e causando forte impacto na opinião pública, com extensivo uso das mídias sociais de forma a atraírem a população para a sua causa, diminuindo a influência do Estado e se fortalecendo.

Por não se exporem a um confronto direto contra as Forças regulares, as ameaças híbridas atuarão, de uma maneira geral, de forma defensiva, exceto nas ações violentas anteriormente citadas, aproveitando as características do terreno e o apoio da população a seu favor. Vale ressaltar a capacidade que tais organizações possuem de realizar, rapidamente, a transição de uma situação aparentemente tradicional para uma de força irregular, misturando-se com a população e dificultando as ações das Forças regulares.

As formas de emprego aqui identificadas, por mesclarem ações outrora empregadas por Forças Armadas nos conflitos chamados de convencionais e ações de caráter irregular, com grande repercussão na sociedade e conseqüente degradação da confiança no governo instalado e de suas Forças regulares, representam um grande desafio para a composição e treinamento das Forças Armadas modernas, particularmente o Poder Naval e seu Conjugado Anfíbio, que deverá se moldar de forma a se contrapor a tais ameaças.

Como forma de se visualizar a atuação de uma ameaça híbrida em um conflito contra uma Força regular, será analisada, no próximo capítulo, a atuação do Hezbollah contra as Forças de Defesa Israelenses na Segunda Guerra do Líbano.

## **4 O HEZBOLLAH E A SEGUNDA GUERRA DO LÍBANO**

O Hezbollah, liderado por clérigos religiosos, surgiu em 1982 como uma facção de guerrilheiros durante a Guerra Civil Libanesa (1975 - 1990), após romper com o Movimento Amal, uma das mais importantes milícias muçulmanas xiitas durante a referida Guerra. Da mesma forma, a revolução islâmica iraniana de 1979 foi fundamental para a criação do Hezbollah, quando, na década de 80, cerca de 5000 membros do corpo da guarda revolucionária islâmica do Irã viajaram para o Líbano para supervisionar o processo de mobilização, recrutamento, educação religiosa e formação militar dos xiitas libaneses, sendo considerados parte da origem desta organização (ALAMI, 2014).

A Segunda Guerra do Líbano foi um conflito ocorrido em 2006, no Norte de Israel e Sul do Líbano, envolvendo o braço armado do Hezbollah, o exército libanês, em menor intensidade, e as Forças de Defesa Israelenses (IDF), anteriormente vistas como a melhor Força Armada na região, onde o Hezbollah usou elementos de uma ameaça híbrida como fatores multiplicadores para sua vantagem contra um exército regular.

Neste capítulo será apresentado o Hezbollah, identificando suas características e capacidades e analisando seu emprego durante a Segunda Guerra do Líbano.

### **4.1 Hezbollah**

Segundo NAVARRO (2015), o grupo Hezbollah possui quatro faces que atuam em conjunto, de modo a fortalecer a organização: um partido político, uma milícia de resistência, uma organização terrorista e uma social. Esse grupo tem grande relevância na região do Oriente Médio, por sua capacidade bélica e experiência em conflitos.

O Hezbollah se juntou ao sistema político libanês depois do Acordo de Taif

(1989), que estabeleceu uma nova divisão política no Líbano baseado em um equilíbrio muçulmano e cristão, passando a ter participação na política a partir de 1992, quando ganhou 8 assentos dos 128 existentes no parlamento. A ocupação israelense do Sul do Líbano (1982 – 2000) foi o principal motivo para as elites em Beirute, capital do país, tolerarem a milícia associada ao partido, que se tornou símbolo da resistência libanesa no Sul do país (ALAMI, 2014). A atuação política do Hezbollah, mesmo o grupo estando associado à milícias armadas no Sul do país, proporciona um reconhecimento importante perante a sociedade libanesa.

No que se refere à parte militar, suas unidades integram as brigadas da resistência libanesa, incluindo pessoas com expertise em táticas de guerrilha, usando, em paralelo, armamento avançado característico de exércitos convencionais, além do seu aparato de meios de inteligência, que é empregado em prol de suas operações (PIOTROWSKI, 2015).

Hezbollah é um dos atores não estatais mais violentos e significativos na região do Oriente Médio. Suas operações militares têm exercido uma pressão contínua sobre as Forças regulares de Israel, particularmente na fronteira entre os países, e seu exemplo de resistência bem sucedida tem inspirado outros grupos insurgentes palestinos (DE VORE, 2012).

A atuação do Hezbollah também abrange estruturas civis, englobando várias áreas, como unidades para assuntos religiosos, cultura, educação, saúde, instituições de caridade, atividades agrícolas (para subsistência da população xiita no Sul do país) e mídia (PIOTROWSKI, 2015).

Analistas consideram o desempenho do Hezbollah nessas diversas áreas de atuação citadas, em que o Estado não se faz presente com efetividade, como o desenvolvimento de um Estado dentro do Estado, enraizando a organização, cada vez mais, por meio do seu apoio à população, o que lhe proporciona benefícios que podem ser explorados nos períodos de conflito.

Essa abrangência do Hezbollah é explicada pelo apoio externo recebido pela organização, particularmente vindo dos vizinhos Irã e Síria.

Desde o seu início, células terroristas do Hezbollah e suas unidades militares têm sido apoiadas pela guarda revolucionária do Irã, que confia nesse e em outros atores não estatais para dissuadir ou atacar seus adversários na região. Esta assistência iraniana levou a melhorias no treinamento, equipamentos e disciplina do grupo libanês (PIOTROWSKI, 2015).

Desde a criação do Hezbollah, o Irã tem fornecido suprimentos na área militar para a organização libanesa, que se mostrou como uma resistência armada contra a ocupação israelense no sul do Líbano, ao mesmo tempo em que favorece interesses iranianos na região.

Observa-se que o Hezbollah conseguiu ter um dispositivo de grande segurança, atuando como uma organização política e construindo uma rede de serviços sociais, fortalecendo-se e minando a legitimidade do Estado constituído. De forma a melhor entender como o Hezbollah é empregado na busca de seus objetivos, a próxima seção descreverá o *modus operandi* da organização, explicitando as táticas comumente utilizadas.

#### **4.2 *Modus Operandi* do Hezbollah**

A base do Hezbollah situa-se nas áreas de maioria xiita no Líbano, que inclui partes do Sul do país e o vale de Bekaa, uma importante região agrícola do leste do país. Apesar de o grupo agir principalmente na região fronteiriça com Israel, ele também tem condições de operar em outras áreas. Como um exemplo de ameaça híbrida, o Hezbollah mescla o emprego de meios convencionais e não convencionais, fazendo uso de táticas de exércitos regulares, assim como outras empregadas por grupos irregulares.

Dentre as ações não convencionais utilizadas pelo Hezbollah estão as táticas de

ataques terroristas, usando o suicídio (uso de cintos explosivos), sendo um dos primeiros grupos insurgentes a usar tal tipo de tática, o que mostra sua capacidade de inovação. Entre 1982 e 1985, com essa tática, o Hezbollah eliminou 197 soldados das IDF (NAVARRO, 2015).

Outra forma de atuação do grupo é a realização de sequestros, que, segundo seus líderes, são uma forma de terror que ataca as mentes dos homens, convencendo-os da capacidade do movimento revolucionário e da fraqueza do Estado. O sequestro de aviões comerciais é uma ação clássica do grupo, embora, devido à melhoria da segurança da aviação, tais práticas estarem sendo pouco empregadas (NAVARRO, 2015).

O uso de ações não convencionais, como táticas terroristas e realização de sequestros tem como consequência um impacto no aspecto psicológico do conflito, influenciando as pessoas afetadas e denegrindo a imagem da Força organizada oponente, além da repercussão na opinião pública nacional e internacional.

No que tange aos meios convencionais de combate, com o apoio de treinamento, armamento e munição estrangeira, o Hezbollah possui capacidade de emprego de tropas de Infantaria, treinadas pelas Forças iranianas, bem como tropas em operações ofensivas no ambiente urbano, além de dispor de recursos de comando e controle e inteligência, que são empregados de forma a maximizar as vantagens obtidas pela organização por atuar com métodos não convencionais em combate (NAVARRO, 2015).

Desde a década de 1990 o Hezbollah usa bombas e mísseis anticarro, aterrorizando soldados israelenses, influenciando-os psicologicamente e forçando-os a adotar novas formas de patrulha com seus meios blindados. Entretanto, o uso de foguetes tinha o propósito de aterrorizar a população civil e, além disso, influenciar a opinião pública, fazendo com que os habitantes, devido à resistência do Hezbollah, deixassem a região onde moravam (NAVARRO, 2015).



Dessa forma, em função da variedade de táticas empregadas pelo Hezbollah com o emprego de meios convencionais e não convencionais, identifica-se a organização como uma ameaça híbrida com grande maturidade sendo empregada em terreno extremamente complexo, atuando, inclusive, no aspecto humano do combate, conforme descrito no capítulo anterior. Na seção a seguir identificaremos o emprego deste ator na Segunda Guerra do Líbano.

### **4.3 Emprego do Hezbollah na Segunda Guerra do Líbano**

Em setembro de 2004, devido ao crescente arsenal bélico do Hezbollah, em função do apoio estrangeiro recebido, a Resolução 1559 do Conselho de Segurança das Nações Unidas apelou ao governo libanês para dissolver e desarmar todas as milícias, buscando impedir o fluxo de armamentos e outros equipamentos militares para outras milícias da região. O governo libanês não concordou com essa resolução, já que o Hezbollah era popular entre os xiitas e tinha construído uma considerável força militar, além de não estar interessado em empregar seu exército no Sul para se opor às Forças israelenses. (HUOVINEN, 2011).

Sem o sucesso dessa resolução, o fortalecimento do Hezbollah e as tensões no Sul com Israel levaram a um confronto, em novembro de 2005, entre o Hezbollah e a IDF, considerado um dos fatores para a Segunda Guerra do Líbano, que ocorreria no ano seguinte.

A Segunda Guerra do Líbano, que durou 33 dias, teve como estopim o sequestro de dois soldados israelenses pelo Hezbollah, perto da fronteira entre Líbano e Israel, em 12 de julho de 2006. Ao atravessar a fronteira para realizar o sequestro, os insurgentes levaram Israel a responder e lançar uma grande operação que escalou para a guerra (HUOVINEN, 2011).

A operação de retaliação começou com uma utilização maciça da Força Aérea de Israel (IAF) atacando postos de comando do Hezbollah em Beirute, além de alguns lançadores de mísseis de longo alcance (HUOVINEN, 2011).

O uso, por parte do Hezbollah, de armamento sofisticado contra navio, um míssil guiado supostamente fornecido pelo Irã, quando utilizado contra uma corveta enquanto monitorava o bloqueio naval, surpreendeu os israelenses (NAVARRO, 2015).

Neste início de conflito, Israel tentou atacar meios convencionais do Hezbollah, principalmente os de comando e controle, tentando destruir as estruturas que permitiam uma melhor coordenação de suas ações e o emprego de sua inteligência.

Mesmo com os danos infligidos, o grupo ainda tinha a capacidade de disparar foguetes de curto alcance, causando baixas nas Forças regulares israelenses e, principalmente, um dano moral à população que vivia na região Norte do país vizinho (HUOVINEN, 2011).

O preparo dos integrantes do Hezbollah ficou evidente com os enfrentamentos em áreas urbanas. O grupo tinha construído suas defesas nas cidades, utilizando apropriadamente o obscuro terreno urbano, usando instalações civis para alojar suas munições e armas e preparar suas posições defensivas e ofensivas, com emprego de morteiros buscando barrar o inimigo que se aproximasse e explorando seus pontos fracos. Além disso, o grupo usou o povo do Líbano como escudo humano para sua vantagem, claramente contra as regras do Direito Internacional para os Conflitos Armados (HUOVINEN, 2011).

As tropas israelenses no terreno enfrentaram um inimigo preparado, incluindo linhas de defesa bem organizadas com sistema de trincheiras, tropas bem armadas com mísseis, foguetes, armas mais leves e proteção individual e coletiva (HUOVINEN, 2011).

Essa capacidade de emprego de armamento convencional em regiões com terreno extremamente complexo (áreas urbanas) denota o nível de aprestamento alcançado pelos integrantes desta organização que, somado ao conhecimento das características da área de

operações, tornou-se fator extremamente favorável aos insurgentes.

Outra arma largamente usada pelo Hezbollah durante o conflito foi a Artilharia. O fogo intenso deste tipo de arma, característica de exércitos regulares, aterrorizava o Norte de Israel, paralisando a economia do país e forçando mais de um milhão de civis a evacuarem suas residências, causando significativo efeito psicológico na população local (PIOTROWSKI, 2015).

O Hezbollah também estava armado com sistemas de defesa antiaérea portáteis para a defesa de ponto de suas células, porém tal armamento abateu apenas um helicóptero CH-53 israelense (PIOTROWSKI, 2015).

De forma a buscar influenciar a população, o Hezbollah fez uso de seus recursos de transmissão para enviar sua própria mensagem para seus partidários, seus inimigos e para a Imprensa Internacional, por meio de emissoras de TV e de rádio próprias (HUOVINEN, 2011).

O Hezbollah não somente possuía armas convencionais, normalmente associadas a exércitos regulares, mas as usou com habilidade e precisão consideráveis. Com armas modernas e avançadas táticas de guerrilha, além do não cumprimento de normas internacionais da guerra, tais como o uso de civis ou alvos civis como escudos para tropas operativas, foi algo contra o qual a IDF não estava preparada (HUOVINEN, 2011).

O emprego de Artilharia e armas antiaéreas reforçam as características convencionais da organização e contribuem, com os efeitos de seus fogos, juntamente com o emprego da mídia, para uma degradação do moral dos civis envolvidos no conflito, reforçando os preceitos dos insurgentes e degradando a imagem da Força regular.

O Hezbollah foi incapaz de infligir baixas significativas para Israel, mas as perdas impostas foram acima do esperado, principalmente pelo emprego de mísseis de longo alcance, o que mostrou capacidade de combate além do esperado.

O sistema de comando e controle do Hezbollah foi descentralizado e as responsabilidades foram distribuídas às células menores, dando assim flexibilidade à organização e à força necessária para continuar lutando, explorando o princípio da oportunidade, sob a análise do comandante da cena de ação.

Ao analisar a Segunda Guerra do Líbano e o emprego do Hezbollah no conflito, Huovinen (2011) conclui:

O conflito demonstrou a capacidade de um ator como Hezbollah a travar uma guerra com sucesso contra um exército como o IDF, estudar e explorar as vulnerabilidades de estilo ocidental militar e conceber contramedidas apropriadas, misturando táticas de emprego com diversidade, como uma guerra híbrida, usando estes elementos como multiplicadores de força para sua vantagem. Um coquetel bem sucedido incluindo armas convencionais avançadas, tropas bem treinadas em guerra irregular, uso de meios de inteligência, a inclusão de uma face religiosa ao conflito, além do uso da mídia a seu favor foram pontos fortes muito bem empregados pelo Hezbollah (HUOVINEN, 2011, p. 35, tradução nossa).

Dessa forma, a Segunda Guerra do Líbano serviu como um exemplo de como um ator híbrido pode lutar e ser bem sucedido contra uma Força regular. Estes são os tipos de conflitos em que as Forças convencionais de um Estado enfrentarão no futuro, devendo o Conjugado Anfíbio compreender esta nova forma de atuação dos atores internacionais, estando aprestado para fazer face a tais ameaças e defender os interesses da MB em qualquer Teatro de Operações.

#### **4.4 Conclusões parciais**

Diante do argumentado anteriormente pode-se entender que o Hezbollah, além do viés político, por ser um partido libanês e possuir representação significativa no sistema político do país, possui outras faces que o sustentam e dão legitimidade às suas ações em defesa da população xiita no Sul do Líbano.

A atuação social, com investimentos no desenvolvimento de infraestruturas em áreas como saúde e educação, proporciona ao povo libanês acesso a serviços básicos não

providos pelo Estado constituído, levando o Hezbollah a ser conhecido, no Líbano, como o Estado dentro do Estado.

O apoio externo, particularmente do Irã, permite ao Hezbollah o acesso a tecnologias militares convencionais, além de treinamento, munição e armamento, que são utilizados em seu conflito com as Forças de Defesa de Israel, na fronteira Sul do país. Com isso, o Hezbollah apresenta mais uma face, a de grupo de resistência à ocupação israelense na região fronteira entre os países.

As principais bases do Hezbollah estão instaladas no Sul do Líbano, onde realiza ações convencionais, com o uso de morteiros, mísseis anticarro, bombas, além do emprego de tropas de Infantaria e Artilharia, somadas ao combate urbano, no qual possui grande expertise. Em paralelo, pode-se observar, no *modus operandi* da organização, um emprego de outras táticas, irregulares, tais como terrorismo, sequestros e guerrilha, quando a situação o permite e o enfrentamento direto das Forças convencionais israelenses não lhes é favorável.

A Segunda Guerra do Líbano, apresentada como um exemplo de aplicação desta organização híbrida contra uma Força convencional, no caso a IDF, mostra o grau de desenvolvimento desta ameaça híbrida, em que foram usados meios convencionais e não convencionais citados, tendo o Hezbollah demonstrado capacidade de operar defensiva e ofensivamente, utilizando as características da área de operações a seu favor e explorando o terreno, principalmente nas ações em áreas urbanas. Particularmente, o emprego da Artilharia teve um efeito psicológico negativo na população israelense do Norte do País, que teve de ser evacuada em função dos efeitos destas armas.

Somado a este emprego híbrido, o uso de meios de comunicação (TV e rádio) para divulgar sua causa à população, já favorável as suas ações por todo aporte social proporcionado pelo grupo, trouxe a reflexão sobre a importância da mídia nos conflitos modernos.

Com tão vasto repertório de emprego, com meios convencionais ou não, pode-se dizer que o Hezbollah tem os seguintes elementos das ameaças híbridas: uso simultâneo de arsenal convencional, forças irregulares fazendo uso de táticas de guerrilha, emprego de guerra psicológica, ações terroristas e outras ações não convencionais.

Com o cessar fogo, o grupo continuou a reconstruir suas capacidades perdidas e continua a ser parte importante na área política e social libanesa, além de se caracterizar por sua resistência à ocupação israelense no Sul do país. Pode se afirmar ser o Hezbollah uma organização com grande capacidade de superação, constituindo-se em uma ameaça híbrida desenvolvida e que, lutando para atingir seus objetivos, continua como ator chave na região.

Diante das características e forma de emprego do Hezbollah apresentadas, cabe, a partir deste ponto, uma confrontação com as características, capacidades e possibilidades do Conjugado Anfíbio, o que será realizado no capítulo seguinte, de modo a se concluir sobre as questões de estudo formuladas.

## 5 O CONJUGADO ANFÍBIO E AS AMEAÇAS HÍBRIDAS

O ritmo de mudanças que o mundo tem vivenciado nas últimas décadas tem criado novas instabilidades em diversas regiões, fazendo surgir conflitos com a presença de atores não comuns até então no cenário mundial. Esses atores possuem características que têm obrigado as Forças regulares dos Estados a empregarem suas capacidades de forma diferente das utilizadas nos conflitos tradicionais.

Conforme descreveu Frank Hoffman em suas obras e artigos sobre o assunto, as ameaças têm se tornado cada vez mais complexas, com o emprego de meios convencionais e não convencionais além de táticas diferentes das regularmente empregadas pelas Forças Armadas tradicionais. Esses desafios requerem da Força Naval a habilidade de empregar seus meios para responder rapidamente às novas demandas.

No que se refere às capacidades convencionais, mostrou-se que as ameaças híbridas têm a possibilidade de empregar meios normalmente utilizados por exércitos regulares durante os conflitos. Tropas de Infantaria e Artilharia, com o emprego de morteiros e foguetes de curto e longo alcances, são empregadas após uma cuidadosa análise das características da área de operações de forma a melhor extrair as vantagens a seu favor, seja no tradicional campo de batalha ou em áreas urbanas com a presença da população.

Essa complexidade do campo de batalha, diferentemente dos combates clássicos em campo aberto, exige uma sofisticação correspondente na aplicação do poder de combate. Uma vez que o criterioso aproveitamento do terreno potencializa as vantagens do defensor, deve-se buscar uma integração de todos os meios navais e de FN para aplicar a força com precisão. Assim sendo, crescem de importância as operações de inteligência, que objetivam obter dados relevantes para o planejamento de fogos e manobra e o respectivo emprego destes em momento e local oportunos contra uma vulnerabilidade inimiga identificada.

Neste novo cenário, com inimigos híbridos, as forças navais devem estar preparadas para pacientemente estimular seus sistemas, observar as respostas e, em seguida, atacar com precisão e eficácia. As vantagens inerentes da Força Naval em domínios de terra, mar e ar são complementadas por operações de informação, guerra eletrônica, mobilidade, despistamento e surpresa (EUA, 2012).

As características do Poder Naval proporcionam ao Conjugado Anfíbio a possibilidade de realizar uma gama de operações, dentre elas o despistamento, onde intenciona-se fazer o inimigo manobrar as suas tropas no terreno de modo a criar uma oportunidade, uma vulnerabilidade a ser inteligentemente explorada, com a aplicação de poder de combate onde lhe for mais favorável. O emprego das forças convencionais contra as ameaças híbridas deve levar em consideração os conceitos de guerra de manobra<sup>11</sup>, evitando-se o confronto direto contra suas superfícies, explorando suas brechas, até atingir suas vulnerabilidades críticas, fazendo suas forças serem degradadas com o passar do tempo, destruindo sua coesão mental e sua vontade de lutar, desestabilizando ou até destruindo o seu Centro de Gravidade.

Dessa forma, o judicioso emprego dos meios, explorando as características do Poder Naval, baseado em uma consciência situacional proporcionada por meios de inteligência, permite que os meios convencionais de uma ameaça híbrida sejam inteligentemente defrontados e destruídos ou reduzidos a um poder de combate relativamente fraco por parte do Conjugado Anfíbio.

Conforme já citado neste trabalho, avulta de importância a prontificação dos meios navais e de FN, adestrados em conjunto, de forma a melhor conhecerem-se, permitindo uma maximização da exploração das capacidades e características de cada um deles, o que permitirá um emprego do Conjugado Anfíbio de forma eficiente.

---

<sup>11</sup> Guerra de Manobra é um estilo de condução do conflito em que, em síntese, é priorizada a aproximação indireta, na busca de se abordar o inimigo a partir de uma posição vantajosa, com o propósito de romper a coesão mental de suas Forças (BRASIL, 2013a).



Foi mostrado, ainda, que as ameaças híbridas empregam não somente meios convencionais, mas também meios não convencionais, com o emprego de técnicas de guerrilha e de terrorismo, associados a sequestros e outros crimes, buscando disseminar um clima de terror na população local e minando a credibilidade do governo constituído da região em questão. O emprego de meios de comunicação e redes sociais amplia o alcance de seus atos e influencia a opinião pública. Somado a isso, o acesso a meios cibernéticos e de inteligência amplia as possibilidades de emprego destes novos atores em um cenário cada vez mais diversificado e de difícil entendimento.

Uma vez que, tradicionalmente, as Forças regulares de um Estado não se aprestam para se oporem a estas novas ameaças, observa-se uma preocupação ao se buscar entender o seu possível emprego neste novo tipo de conflito que ora se apresenta no cenário mundial. As capacidades convencionais do Conjugado Anfíbio deverão ser cuidadosamente analisadas para um emprego prudente em um conflito com estas características.

No que se refere ao nível tático, o GptOpFuzNav deverá fazer uso intenso de camuflagem e buscar empregar pequenos efetivos, de forma a reduzir a possibilidade de detecção por parte do inimigo. A busca de inteligência é igualmente fundamental e pode se valer de meios não tripulados. O potencial de sistemas não tripulados reduz a exigência pela colocação dos FN em situações perigosas, reforçando a coleta de inteligência remota, a vigilância e a proteção da força (EUA, 2012).

Dentre as operações anfíbias clássicas tradicionalmente empregadas pelos FN, uma modalidade específica pode ser mais explorada pelo Conjugado Anfíbio neste tipo de conflito: a incursão anfíbia. As forças de incursão devem desembarcar e permanecer em terra por determinado período de tempo de forma a cumprirem suas tarefas e, em seguida, expeditamente retornar aos meios navais. Dessa forma, podem ser destruídas bases terroristas, locais de estoque de armas com potencial de destruição em massa, assim como outras

instalações ou meios vitais dos insurgentes (EUA, 2012).

Uma vez que as ameaças híbridas são empregadas de diferentes formas, além de possuírem capacidades de alterar sua postura e emprego em uma mesma região rapidamente, deve-se priorizar a segurança das tropas convencionais, de forma que essas não sejam expostas ao emprego das táticas de guerrilha pelo adversário. De forma a mitigar tal possibilidade, é necessário buscar o emprego de tropas em locais e momento favoráveis e previamente identificados, de maneira pontual que, associado ao princípio da surpresa, permitirá a obtenção do sucesso esperado e minimizará as possibilidades de perdas.

O uso de meios não tripulados, associados à coleta de informações sobre o inimigo e às características da área de operações viabiliza o emprego de pequenos efetivos de tropa, minimizando a exposição dos militares do GptOpFuzNav aos riscos inerentes ao enfrentamento de atores que empregam táticas irregulares. A incursão anfíbia permite uma inserção em território inimigo para o cumprimento de missões específicas que podem degradar o poder de combate inimigo. Nessas operações, o uso de meios blindados ou mecanizados proporciona proteção blindada, mobilidade e poder de fogo às tropas de Infantaria, de forma que esta possa ser empregada no máximo de suas capacidades contra as vulnerabilidades inimigas, ao mesmo tempo em que protege os militares.

Na questão relacionada à guerra cibernética, uma vez que os atores híbridos têm acesso a tal tecnologia, é fundamental a preparação do Conjugado Anfíbio para emprego contra esse tipo de ameaça, lapidando suas técnicas, táticas e procedimentos a serem empregados nestas situações.

Outro fator explorado pelos atores híbridos diz respeito ao apoio da população. Por meio de atividades que beneficiam os habitantes de determinada região, praticando ações sociais onde o Estado não se faz presente com efetividade, associadas à divulgação de sua causa nas mídias locais, estas organizações ganham suporte e acabam por empregar a

população a seu favor durante os conflitos, seja para apoio logístico, seja para participar em suas operações contra as forças regulares.

De forma a buscar atingir os integrantes destes grupos híbridos, mitigando os efeitos colaterais na população local, o que solidificaria o apoio à causa insurgente, outro meio que pode ser empregado com grande sucesso, inclusive minimizando a exposição da tropa regular, são as armas de precisão, que permitem causar danos às estruturas utilizadas pelo inimigo. A influência destas organizações híbridas sobre a população residente nas áreas de conflito pode ser reduzida por meio da atuação em operações conjuntas com outras agências, que possuem capacidade de atuar mais próximas às populações nos Teatros de Operações, permitindo uma cooperação importante de forma a aproximar tão importante ator da área de conflito, diminuindo o apoio aos insurgentes. Assim sendo, cresce de importância o desenvolvimento de competências no que se refere ao componente humano da guerra, o que facilitará o relacionamento com os habitantes locais na região de conflito.

Ao avaliar os desafios e oportunidades para o emprego dos FN estadunidenses contra estas novas ameaças neste cenário complexo no século XXI, o grupo de trabalho sobre capacidades anfíbias do CFN norteamericano apresentou sua visão sobre o assunto em tela:

Para o emprego contra adversários híbridos, o emprego de relevante poder de combate deve ser calculado pela consideração cuidadosa dos efeitos que podem vir a causar na região alvo. Poder de fogo e a massa podem ser menos críticos em cenários selecionados do que mobilidade ou precisão. Inteligência e comando e controle podem permitir pequenas equipes alcançar os efeitos das formações maiores. Contra adversários irregulares, uma integração cuidadosa de uma gama de efeitos letais e não letais permite à força conjunta ganhar influência com mínimo dano colateral ou consequências não intencionais. Capacidades cibernéticas ou de informações podem mudar a natureza de uma operação (EUA, 2012, p.19, tradução nossa).

Assim sendo, a mobilidade, precisão e análise dos efeitos causados na região de conflito, associados ao emprego judicioso de meios cibernéticos e de inteligência, minimizando as perdas civis e da própria força convencional, são fundamentais para permitirem o emprego dos GptOpFuzNav contra as ameaças híbridas.

Apesar de o corrente estudo focar nas capacidades do Conjugado Anfíbio para se

contrapor às ameaças híbridas, vale ressaltar a importância do seu emprego, de forma conjunta, com as demais Forças Armadas do Estado, o que potencializa suas capacidades e amplia as possibilidades de emprego contra tais complexas ameaças.

Em uma visão mais ampla e em um nível mais elevado, as alianças com parceiros internacionais e o fortalecimento de alianças regionais são igualmente importantes, devendo ser fortalecidas desde os tempos de paz, de maneira a criar relacionamentos confiáveis que serão fundamentais por ocasião do envolvimento em um conflito desta natureza.

Dessa forma, as capacidades da MB e do CFN de serem empregados em uma ampla gama de missões, de maneira conjunta ou combinada, além da capacidade deste último de operar em terreno hostil de forma expedicionária, os torna uma ferramenta essencial para os decisores do nível político.

## **5.1 Conclusões parciais**

Como visto, o Conjugado Anfíbio deve manter a capacidade e flexibilidade para lidar com as ameaças que emergirão no cenário mundial. A única certeza neste ambiente instável é a própria imprevisibilidade das ameaças a serem enfrentadas.

De forma a se contrapor aos meios convencionais das ameaças híbridas, deve-se buscar uma integração de todos os meios navais e de FN, de forma sistêmica, buscando, com o emprego dos fogos e da manobra, aplicar seu poder de combate contra uma vulnerabilidade inimiga devidamente levantada com base nas informações fornecidas pelo sistema de inteligência, que deve contar, adicionalmente, com veículos não tripulados.

Operações cibernéticas e de guerra eletrônica contribuirão na identificação ou criação destas vulnerabilidades que serão exploradas com o máximo emprego de meios blindados de alta mobilidade, proteção blindada e poder de fogo.

Ações de despistamento e busca pela surpresa, igualmente criarão oportunidades a serem exploradas que minimizarão, juntamente com as ações de reconhecimento e inteligência, as possibilidades de perdas e os efeitos colaterais na região de conflito.

O emprego de incursões anfíbias buscando atingir importantes objetivos que desestruturam sistemas e destroem estruturas relevantes inimigas serão importantes ferramentas para reduzir o poder de combate híbrido no Teatro de Operações. Tais ações, em conjunto com o desenvolvimento de atividades que beneficiam os habitantes da região, em conjunto com outras agências, acabam por diminuir este fundamental suporte às atividades das organizações híbridas, facilitando as operações das forças regulares.

Avulta de importância o emprego conjunto das Forças Armadas do Estado brasileiro de forma a maximizar as capacidades singulares de cada Força que, em conjunto com alianças internacionais consolidadas desde os tempos de paz, contribuirão para o sucesso em um possível conflito em defesa dos interesses nacionais.

De forma a estar em condições de responder à instabilidade global e permitir a máxima liberdade de ação com o mínimo risco para o Poder Naval, os meios navais e de FN devem ser adestrados para permitir o emprego coordenado do Conjugado Anfíbio em resposta a uma contingência ou crise. Dessa forma, as características do Poder Naval proporcionarão à MB a mobilidade estratégica para, cumprindo as tarefas básicas do Poder Naval, assegurar a defesa dos interesses brasileiros.

## 6 CONCLUSÃO

Os conflitos predominantes no mundo cada vez mais instável do século XXI não serão constituídos unicamente por Forças regulares dos Estados como nas tradicionais guerras. Cada vez mais, o conflito será algo mais dinâmico, de características improváveis, cenário diferente do que as forças militares estão preparadas e familiarizadas. Esse novo cenário pode incluir, além do terrorismo, da insurreição e de outras táticas irregulares que causam pavor na população, um emprego conjunto de meios e métodos convencionais. É para o emprego nesse cenário diverso, onde estão presentes as ameaças híbridas, que o Poder Naval deve estar preparado.

A seleção do Hezbollah como ator híbrido estudado foi decorrente de suas características e formas de emprego serem marcantes e esse se enquadrar perfeitamente como uma ameaça híbrida desenvolvida. A Segunda Guerra do Líbano, quando tal organização defrontou as Forças regulares de Israel, foi fundamental para se entender como o Hezbollah empregou seu poder de combate de modo convencional e não convencional. Da mesma forma pôde-se analisar o apoio externo iraniano, que forneceu ao Hezbollah capacidades convencionais com emprego de armas modernas de exércitos regulares. A influência de atores externos no desenvolvimento das organizações híbridas se constitui um interessante tema de pesquisa.

Analisando as características e peculiaridades das ameaças híbridas, particularmente o Hezbollah no conflito do Líbano em 2006 e, examinando as características do Conjugado Anfíbio, buscou-se verificar se o Conjugado Anfíbio possui capacidade para se contrapor a tais ameaças.

Inicialmente criou-se uma ambientação acerca dos conceitos de Poder Naval e Conjugado Anfíbio. Apresentou-se o referencial teórico, à luz da doutrina vigente na MB, de

Poder Naval e Conjugado Anfíbio, permitindo que fossem visualizadas suas particularidades. Identificou-se as características do Poder Naval e da tropa de caráter expedicionário, verificando-se a possibilidade de seu emprego em um cenário complexo em resposta a novas ameaças. Ao analisar as atividades de Combate, Apoio ao Combate e Apoio de Serviços ao Combate do Conjugado Anfíbio, sintetizou-se suas capacidades, ratificando-se a importância da necessidade de aprestamento dos meios navais e de FN para se contrapor um oponente não convencional como as organizações híbridas.

No prosseguimento do trabalho foi moldado o amparo teórico usado para o desenvolvimento da pesquisa. Estudou-se o modelo teórico selecionado, identificando a definição de ameaças híbridas a ser considerada para o estudo. Atores híbridos, em função de suas formas de emprego fundamentalmente novas, aumentam a complexidade dos conflitos modernos. Eles representam ameaças que operam combinando as capacidades de uma organização militar convencional com recursos irregulares, empregando táticas que empregam atos violentos e têm impacto direto na população, normalmente atuando a partir de regiões nas quais praticam a soberania de fato, onde o Estado encontra-se enfraquecido. Em função de suas características e grau de maturidade, fazem uso de sua capacidade de transição de uma situação de emprego como força tradicional para uma de força irregular, explorando a complexidade do terreno e dificultando seu enfrentamento por forças regulares. Dessa forma, no futuro, inimigos híbridos serão menos suscetíveis às formas tradicionais de guerra, menos previsíveis e mais difíceis para dissuadir.

Ao se estudar o emprego do Hezbollah em um conflito contra Forças regulares, na Segunda Guerra do Líbano, pôde-se entender a aplicação dos conceitos ora estudados em uma situação real, detalhando como foram usados meios convencionais e não convencionais, explorando adequadamente o terreno e as capacidades de um ator híbrido desenvolvido para operar ofensivamente e defensivamente. Demonstrou-se a capacidade dessas organizações de

explorar o apoio da população com a divulgação na mídia de suas causas, permitindo minar o Estado constituído, além de se detalhar as diversas faces de atuação desta organização híbrida, quais sejam: social, política e de grupo de resistência à ocupação israelense no Sul do Líbano. Desse estudo se derivou conteúdo de interesse para se confrontar com a hipótese proposta, obtendo-se a plataforma de comparação para os resultados da pesquisa.

Por fim foi feita uma correlação entre as capacidades do Conjugado Anfíbio apresentadas no início do trabalho com as formas de emprego das ameaças híbridas, permitindo que fosse avaliado e concluído que o Conjugado Anfíbio possui capacidades para se contrapor a tais ameaças.

A hipótese formulada foi a de que o Conjugado Anfíbio possui a capacidade de se contrapor às possibilidades de emprego das ameaças híbridas.

Os estudos do emprego do Hezbollah orientaram a estrutura de desenvolvimento da argumentação. Estudou-se as capacidades do Conjugado Anfíbio, confrontando-as com as características e formas de emprego desta ameaça híbrida. Com esta equiparação, fez-se a avaliação do confronto, que foi comparada com a hipótese formulada. Parece de interesse aprofundar o estudo sobre a influência de atores externos no desenvolvimento e emprego das organizações híbridas. Vejamos a seguir o detalhamento das conclusões.

A percepção inicial apontava para a dificuldade do Conjugado Anfíbio em ser empregado em ambiente tão heterogêneo e instável para se contrapor às ameaças que emergirão no cenário mundial. Com esta pesquisa, entende-se que a resposta a tais ameaças está ligada à combinação de fogos e manobra e com a integração de meios navais e de fuzileiros navais contra as vulnerabilidades do oponente identificadas. As operações cibernéticas e de inteligência buscam identificar tais vulnerabilidades que, por meio das ações de despistamento, buscarão a surpresa necessária para o sucesso do Conjugado Anfíbio. Somado a isso, Incursões Anfíbias podem ser realizadas de forma a destruir alvos relevantes,



previamente selecionados, a fim de degradar o poder de combate híbrido.

Concluiu-se que as características do Poder Naval proporcionarão à MB a mobilidade estratégica para, explorando as capacidades do Conjugado Anfíbio, assegurar a defesa dos interesses nacionais. Entendeu-se que o aprestamento dos meios é fundamental para que tais capacidades sejam exploradas na sua plenitude. Também foi possível depreender que inimigos híbridos serão menos previsíveis e mais difíceis de dissuadir, já que mixam táticas de combate convencional e não convencional e, desta forma, evitarão o combate direto contra Forças regulares. Assim, o Conjugado Anfíbio deverá criar vulnerabilidades, sendo empregado em um contexto de operações conjuntas, por meio de ações de inteligência e despistamento, obtendo a surpresa em suas ações, ao mesmo tempo em que explora o emprego judicioso dos fogos e da manobra.

A pesquisa indicou que os grupos híbridos se desenvolvem de modo mais efetivo onde o Estado não se faz presente. Em função disto, o apoio da população é fundamental para seu sucesso e deve ser conquistado por parte do GptOpFuzNav, de forma a fortalecer as instituições do Estado constituído. Uma questão que talvez mereça atenção em estudos futuros é a que se refere ao aprestamento do Conjugado Anfíbio para lidar com essa relação com a população existente na área de operações, já que, atualmente, o foco da preparação dos GptOpFuzNav está voltado para operações de guerra e confrontação direta do oponente.

O estudo foi direcionado para o entendimento das capacidades do Conjugado Anfíbio, com atenção às ações do GptOpFuzNav, mas as pesquisas não podem se limitar a isso. Parece oportuno investigar o emprego dos meios navais neste ambiente obstruso e imprevisível, já que o Conjugado Anfíbio só tem sentido se pensado em conjunto com a Força Naval. Este trabalho não abordou os aspectos atinentes às capacidades dos meios navais e futuras pesquisas podem levantar considerações de interesse para um assunto tão complexo.

A questão de estudo formulada foi: o Conjugado Anfíbio possui capacidade de se

contrapor às ameaças híbridas? De acordo com as conclusões supracitadas, a pesquisa nos permitiu concluir de forma aderente à hipótese, ou seja, que o Conjugado Anfíbio possui a capacidade de se contrapor às possibilidades de emprego das ameaças híbridas.

Tem substancial relevância o que o estudo ora concluído nos insinua, não obstante a conclusão que alcançou, que gira em torno da necessidade de aprestamento dos meios navais e de fuzileiros navais, sem o qual o Conjugado Anfíbio não poderá exercer, na íntegra, suas capacidades contra uma ameaça multifacetada. Dessa forma, as conclusões apresentadas apontam para um novo tipo de conflito que se debruça sobre o século XXI, assim como para uma nova forma de emprego do Conjugado Anfíbio, que deve ser fruto de pesquisa na área de estudos militares por parte dos integrantes das Forças Armadas, do meio acadêmico e demais autores ou instituições relevantes à segurança e à defesa do país.

## REFERÊNCIAS

- ALAMI, Mona. Hezbollah in Lebanon. **Research Notes**, Washington, n. 21, p. 4-12, ago. 2014.
- BOND, Margaret S. **Hybrid War: a New Paradigm for Stability Operations in Failing States**. 2007. 25 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Estratégicos) – U.S. Army War College, Carlisle, 2007.
- BOWERS, Christopher O. Como Identificar Adversários Híbridos Emergentes. **Military Review, Edição Brasileira**, Kansas, p. 20-30, jan-fev. 2014.
- BRASIL. Paulo Cesar Leal. A Guerra Híbrida: reflexos para o sistema de defesa do Brasil. **Informativo Estratégico**, Brasília, n. 06/2015, p. 4-11, out. 2015a.
- \_\_\_\_\_. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN-0-1. **Manual de Fundamentos de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2013a. 57 p.
- \_\_\_\_\_. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN-31.2. **Manual de Operações contra forças irregulares dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2008. 70 p.
- \_\_\_\_\_. Estado Maior da Armada. EMA-305. **Doutrina Básica da Marinha**. Brasília: Marinha do Brasil, Ver 2, 2014. 102 p.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília: Ministério da Defesa, 2 Ed, 2013b. 45 p.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Defesa. **Livro Branco de Defesa Nacional**. Brasília: Ministério da Defesa, 2012. 370 p. Disponível em: <<http://www.defesa.gov.br/projetosweb/livrobranco/lbndigital/livrobranco.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2016.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Defesa. MD35-G-01. **Glossário das Forças Armadas**. Brasília: Ministério da Defesa, 5ª Ed, 2015b, 292 p.
- CORBETT, Julien S. **Some Principles of Maritime Strategy**. Annapolis: Naval Institute Press, 1988. 286 p.
- DE VORE, Marc R. Exploring the Iran-Hezbollah Relationship: A Case Study of how State Sponsorship affects Terrorist Group Decision-Making. **Perspectives on Terrorism**, Washington, v. 6, p. 85–107, out. 2012. Disponível em: <<http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/218>> Acesso em: 21 abr. 2016.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Joint Chiefs of Staff. **The National Military Strategy of the United States of America 2015**. Washington: Joint Chiefs of Staff, 2015. 24 p. Disponível em <[http://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Publications/2015\\_National\\_Military\\_Strategy.pdf](http://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Publications/2015_National_Military_Strategy.pdf)>. Acesso em: 21 Abr. 2016.
- \_\_\_\_\_. United States Army. TC 7-100. **Hybrid Threat**. Washington: Department of The Army, 2010. 74 p.

\_\_\_\_\_. United States Marine Corps. **MCDP-3: Expeditionary Operations**. Washington: Department of The Navy, 1998. 145 p.

\_\_\_\_\_. United States Marine Corps. **Naval Amphibious Capability in the 21st Century**. Washington: Department of The Navy, 2012. 77 p. Disponível em <[http://www.defenseinnovationmarketplace.mil/resources/MC\\_Amphibious\\_Capabilites.pdf](http://www.defenseinnovationmarketplace.mil/resources/MC_Amphibious_Capabilites.pdf)> Acesso em: 21 abr. 2016.

FRANÇA, Júnia Lessa, VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas**. 8.ed. ver. e ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. 255 p. (Aprender).

HOFFMAN, Frank G. **Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars**. Arlington: Potomac Institute for Policy Studies, 2007. 72 p.

HUNTER, Eve; PERNIK, Piret. **The Challenges of Hybrid Warfare**. Estônia: International Centre for Defense and Security, 2015. 7 p.

HUOVINEN, Petri. **Hybrid Warfare: Just a Twist of Compound Warfare?** 2011. 55 p. Dissertação (Senior Staff Officer Course) - National Defence University, Washington, 2011.

MCCULLOH, Timothy; JOHNSON, Richard. **Hybrid Warfare**. Florida: Joint Special Operations University, 2013. 137 p.

MONTEIRO, Álvaro A. D. A próxima singradura. **O Anfíbio**. Rio de Janeiro, V. 29, n. 28. Edição extra, 2010. 113 p.

MUNICH SECURITY REPORT. BUND, Tobias; OROZ, Adrian. **Challenges - Hybrid Warfare: Who Is Ready?** 2015. Disponível em: <<http://www.eventanizer.com/MSR2015/MunichSecurityReport2015.pdf>>. Acesso em: 27 Mai. 2016.

NAVARRO, José María B. **Hezbollah, El Partido de Dios**. Instituto Español de Estudios Estratégicos. Madrid, 2015. 32 p. Disponível em: <[http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs\\_investig/2015/DIEEEINV01-2015\\_Hezbollahx\\_El\\_partido\\_de\\_Dios\\_JMBlanco.pdf](http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_investig/2015/DIEEEINV01-2015_Hezbollahx_El_partido_de_Dios_JMBlanco.pdf)> Acesso em: 21 Abr. 2016.

NYE, Joseph S. Planejando o uso da força para as guerras atuais. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 08 fev. 2015. Internacional. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,planejando-o-uso-da-forca-para-as-guerras-atuais-imp-,1631277>> Acesso em: 25 Abr. 2016.

PIOTROWSKI, Marcin A. Hezbollah: The Model of a Hybrid Threat. **Bulletin**. Warsaw, n. 24, p. 1-2, mar. 2015.

ROTBURG, Robert. **When States Fail: Causes and Consequences**. Princeton: Princeton University Press, 2003. 352p.

**THE PENTAGON PAPERS**. Boston: Beacon Press, 1971. Disponível em: <<https://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/pentagon/pent14.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

## ANEXO A

### COMPOSIÇÃO DA GUERRA HÍBRIDA

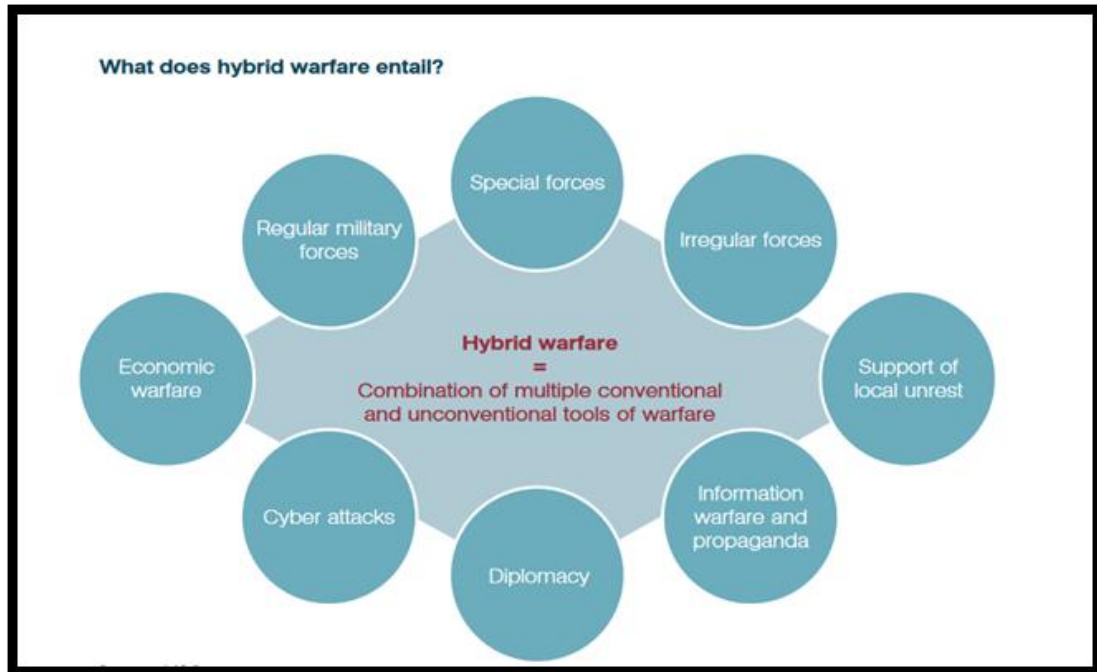


FIGURA 1 - Composição da Guerra Híbrida.

Fonte: RELATÓRIO DA CONFERÊNCIA DE SEGURANÇA DE MUNIQUE, 2015, p. 35.

## ANEXO B

### CONTINUIDADE DO CONFLITO

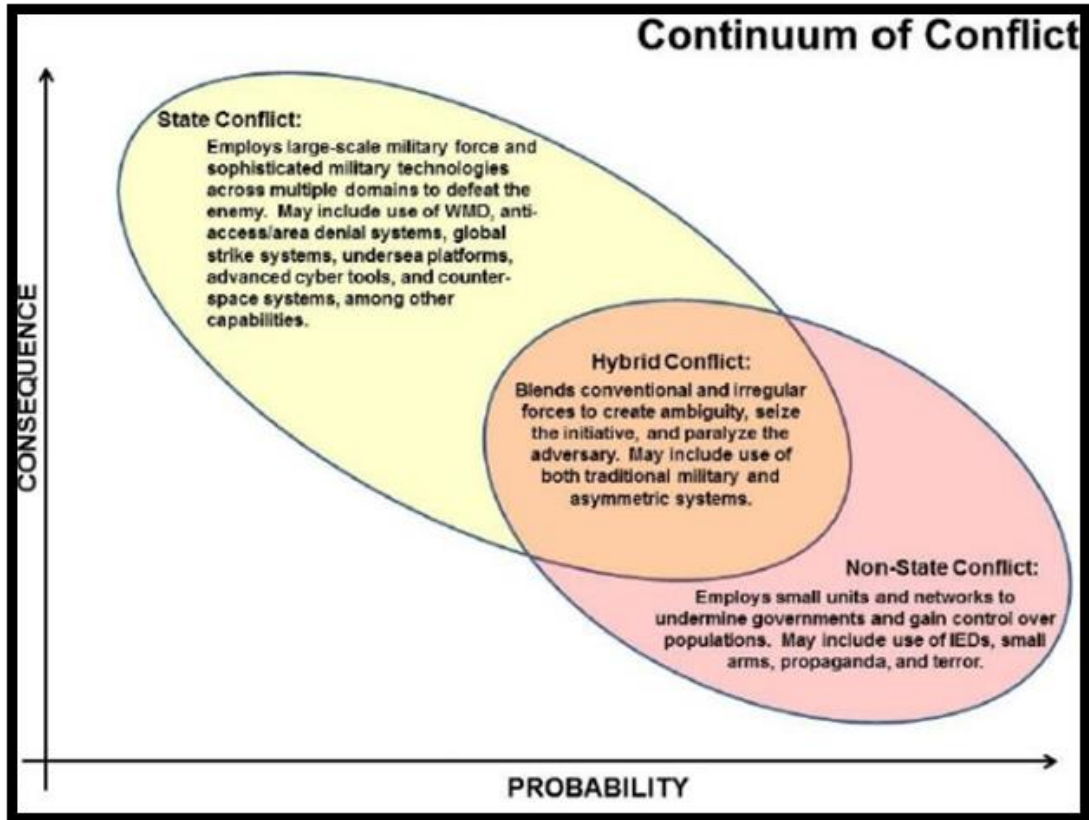


FIGURA 2 - Continuidade do conflito mostrando a probabilidade e as consequências.

Fonte: ESTRATÉGIA NACIONAL MILITAR DOS EUA, 2015, p. 4.

## ANEXO C

### INTERSEÇÃO DAS VARIÁVEIS DE UMA AMEAÇA HÍBRIDA

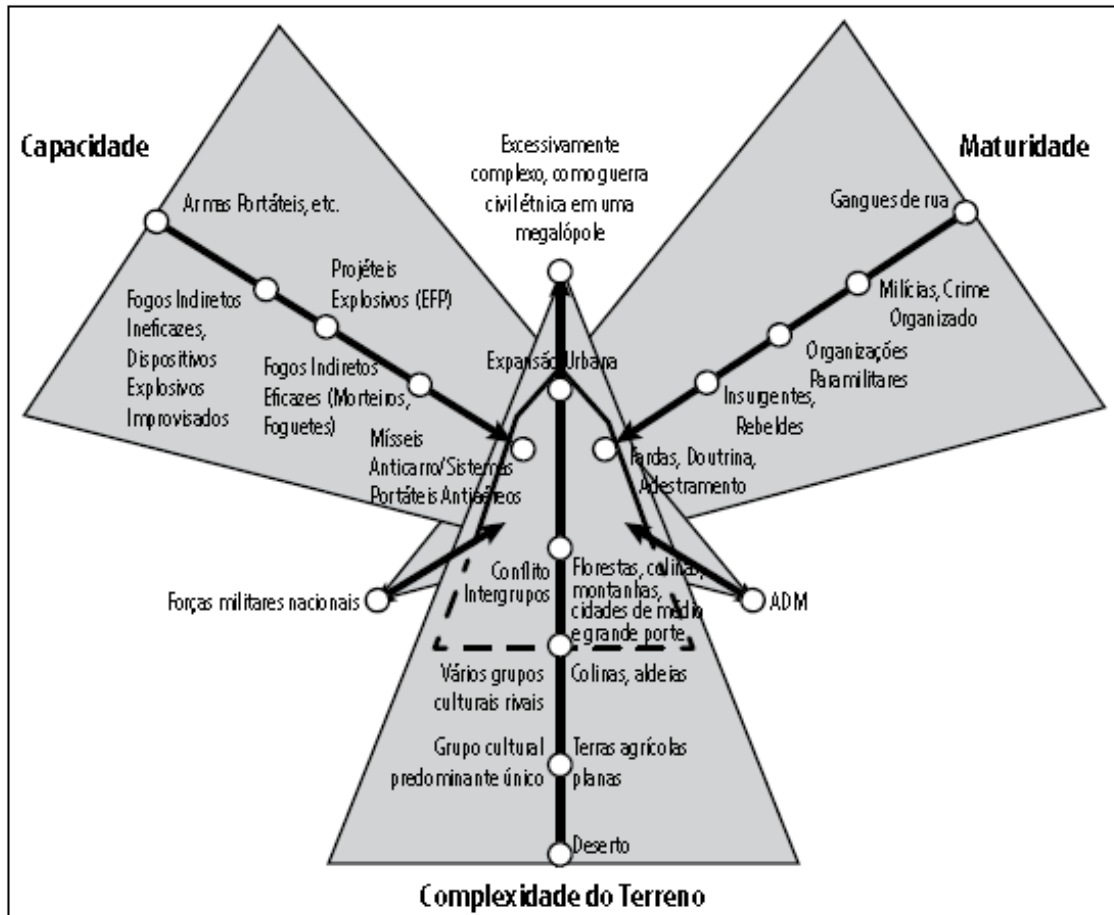


FIGURA 3 - Interseção das variáveis de uma ameaça híbrida, apresentando a evolução das mesmas.

Fonte: BOWERS, 2014, p. 24.

Uma evolução das variáveis (capacidade, maturidade e complexidade do terreno) ocorre quando cada uma se aproxima da porção central da figura. São particularmente fortes no ponto de interseção entre as três variáveis, delineado pela linha preta central. Na medida em que evoluírem em nível de capacidade e maturidade, esses grupos começarão a aproximar-se do ponto ideal, em que apresentarão os meios mais efetivos para os fins buscados pela organização ou por seu Estado patrocinador (BOWERS, 2014).